



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARIA DO SOCORRO FERREIRA DA SILVA

***A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS: A FÁBULA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO***

GUARABIRA – PB
2017

MARIA DO SOCORRO FERREIRA DA SILVA

***A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS: A FÁBULA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO***

Artigo apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de graduada em Letras, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra.

GUARABIRA – PB
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586m Silva, Maria do Socorro Ferreira da

A montanha da água lilás: a fábula como instrumento de ensino aprendizagem para o letramento literário / Maria do Socorro Ferreira da Silva– Guarabira: UEPB, 2017.
19 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação: Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra.”

1. Fábula. 2. Ensino-Aprendizagem. 3. Letramento Literário. I. Título.

22.ed. CDD 372.4

MARIA DO SOCORRO FERREIRA DA SILVA

**A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS: A FÁBULA COMO INSTRUMENTO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO**

Artigo apresentado na Universidade Estadual da Paraíba, no Centro de Humanidades, no Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do nível de graduada em Letras, sob a orientação da Profª Drª Rosilda Alves Bezerra.

Aprovada em: 07 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Rosilda Alves Bezerra

Profª Drª Rosilda Alves Bezerra (Orientadora / UEPB/LETRAS)

Maria Suely da Costa

Profª Drª Maria Suely da Costa (1ª Examinadora/ UEPB/LETRAS)

Maria Neni de Freitas

Profª Drª Maria Neni de Freitas (2ª Examinadora/ UEPB/LETRAS)

GUARABIRA – PB
2017

RESUMO

Este artigo busca analisar a fábula “A Montanha da Água Lilás”, do autor angolano Pepetela. Estabelece-se como objetivo investigar como esse gênero pode servir de instrumento para aprendizagem do letramento literário no contexto escolar. Para embasar nossa pesquisa, utilizamos autores como Chaves (2005) e Cosson (2006), que realçam a importância do letramento literário na formação da cidadania. Bosi (2004) e Hampetê Bá (1997), que oferecem suporte para a discussão sobre memória e tradição oral e Brabosa (2011), Magda Soares (1999), Pressley (2002) e Hervay e Gouvis (2008), que orientam o debate sobre o ensino do letramento literário em sala de aula. Explora-se, através de intervenção escolar, reflexões sobre as representações de memória do povo angolano na fábula em análise, para tanto, houve atuação de regências em sala do 9^a ano do Ensino Fundamental, em escola pública da cidade de Guarabira, PB. Conclui-se que a inserção do gênero literário Fábula, em sala de aula, torna-se relevante, pois une a interação entre a oralidade e o imaginário, promovendo resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Fábula. Ensino-aprendizagem. Letramento literário.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo busca investigar, por meio da fábula “A montanha de água lilás, de Pepetela, como esse gênero pode servir de instrumento para o ensino-aprendizagem do letramento literário no contexto escolar. Para tanto, realizamos intervenção pedagógica em séries finais do ensino fundamental, em escola pública da cidade de Guarabira – PB.

Através de uma reflexão sobre as representações de memória do povo angolano presente no livro, abordaremos as práticas de ensino com o objetivo principal de construir, na perspectiva dos docentes, o papel da literatura no processo de formação do aluno. É nesse sentido, se faz necessário aprender, antes de qualquer coisa, a decodificarmos o espaço escolar.

A Fábula “A Montanha da água lilás”, tem seu título em consonância com a história que é narrada, uma vez que a maior parte do enredo se passa na montanha da água lilás, embora o narrador externar a convicção de que em outras regiões existam montanhas com aspectos semelhantes a esta trazida em sua estória, dentro de alguma parte de Angola.

Com aspectos claros e uma estória empolgante, a fábula torna-se um gênero literário de fácil apreciação para várias idades, além de ser compreendida facilmente, com questionamentos, promove a conscientização sobre muitas práticas que foram vivenciadas em determinado período, e que podem ser observadas até os dias atuais nas relações de convivência.

As práticas de convivência presentes em “A montanha de água lilás” estão marcadas pela “competição”, egoísmo e ambição, e a fábula se apoia em características semelhantes a essas para traçar o perfil de exploração vivido pelo povo angolano no período suscitado na obra. Dessa forma, observamos que a fábula, através do diálogo de seus personagens tenta transmitir uma mensagem de sabedoria, de caráter moral, sobre os valores considerados relevantes para o homem.

É importante ressaltar que uma história considerada simples, acessível até ao público infantil, pode carregar toda uma simbologia sobre aspectos sociais e culturais, além de episódios do cotidiano de um determinado povo, retratando suas formas de convivência em sociedade, suas relações externas ao meio e, principalmente, as formas como estes foram explorados pelos colonizadores.

A partir da leitura da fábula *A montanha da água lilás*, observa-se a necessidade

de inserir este gênero literário na formação do educando, como forma de se aproximar das metodologias aos recursos didáticos que priorizam a realidade cultural e que, muitas vezes, subjetiva os alunos.

Observando este processo, compreendemos que o entendimento de uma obra literária não se trata apenas da decodificação e aplicação de rituais repetitivos de leitura, mas parte da busca pela criação de um senso crítico, que seja capaz de levantar questionamentos paralelos ao meio em que eles estão inseridos.

Para embasar nossa pesquisa, utilizaremos autores como Chaves (2005) e Cosson (2006), que realçam a importância do letramento literário na formação da cidadania. Bosi (2004) e Hampetê Bá (1997) foram nosso suporte para a discussão sobre memória e tradição oral e Brabosa (2011), Magda Soares (1999), Pressley (2002) e Hervay e Gouvis (2008) nos orientam no debate sobre o ensino do letramento literário em sala de aula.

Assim, a presente pesquisa, aqui apresentada, surgiu da necessidade de investigar o que significa ensinar nas atuais escolas públicas na Educação Básica, pois nos deparamos com realidades e experiências de inúmeras diversificações. Cabe destacar algumas deficiências no aprendizado dos alunos, sendo que estes apresentam dificuldades na prática do letramento literário. Nesse aspecto, será que a literatura poderia ser uma ferramenta para que o aluno sintasse incentivado para a aprendizagem?

2. PEPETELA: a literatura como instrumento de aprendizagem para o letramento literário

Artur Pestana, mais conhecido como Pepetela, nasceu em 29 de outubro de 1941, na província de Benguela, em Angola, onde estudou o ensino secundário. Em 1962, por questões políticas, foi morar em Paris, posteriormente passou seis meses na Argélia e cursou Sociologia, também trabalhou como representante do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e no Centro de Estudos Angolanos, que ajudou a criar.

Em 1969, foi chamado a participar dos movimentos de libertação Angolana, em Cabinda, tendo então recebido o nome de guerra de Pepetela, que mais tarde tornou-se seu pseudônimo literário.

Arthur Pestana, em 1972, foi transferido para a Frente Leste de Angola, onde continuou no mesmo posto até o acordo de Paz instaurado em 1974, com o governo

português. Pepetela foi membro do Estado Maior da Frente Centro das FAPLA até 1975, e no mesmo ano participou na Fundação da União de Escritores Angolanos. Atuou como vice-ministro da Educação de 1976 a 1982 e, mais tarde, passou a lecionar Sociologia na Universidade Agostinho Neto em Luanda, até 2008.

Pepetela também participou como diretor na União de escritores Angolanos, Presidente da Assembleia em geral da Associação cultural de Sociólogos Angolanos e também é membro da Academia de Ciências de Lisboa.

Com a leitura das obras de Pepetela é possível notar como a história real e o imaginário se complementam, ocorrem paralelamente. Em sua escrita, o escritor opta pela ficção, dando preferência ao gênero romance, sendo considerado um dos escritores mais importantes em expressão literária da Língua Portuguesa.

A pesquisadora Rita Chaves aponta que :

Nota-se um ponto comum na maior parte de suas obras, que é a discussão sobre a formação da nação e da identidade Angolana ainda que a maneira de se abordar tal questão varie de texto para texto. Como demonstrou a Professora Rita Chaves no ensaio "Pepetela: romance e utopia na história de Angola", a construção da nacionalidade "constitui um elemento matriz em seu repertório". (CHAVES, 2005, p. 86)

Embora outras abordagens sejam desenvolvidas por Pepetela, observa-se uma extrema preocupação em caracterizar os aspectos de convivência e identidade nacional do povo angolano, traços que norteiam boa parte de suas obras. Nessa mesma linha de observação, Chaves enfatiza a seguinte questão:

[...] se saímos do particular e alcançamos o geral, ou seja, o conjunto da literatura de Angola, reconhecemos que a formação da identidade nacional é, na realidade, uma das linhas de força da consecução desse sistema literário. Com décadas de diferença, os escritores angolanos passam pela experiência que viveram os nossos românticos e, de maneira diferenciada, os nossos modernistas reviveram: fazer uma literatura que interviesse no processo de definição do país. Se a questão nos parece antiga, há que recordar que o país é novo: passaram-se apenas poucas décadas da independência, e o problema da função da obra literária e do papel social do escritor se recoloca, senão com outras cores, pelo menos, com novos matizes. [...] (CHAVES, 2005, p. 86)

Pepetela surge com uma proposta de observação do contexto social e literário dos angolanos, acreditando que este movimento revolucionaria não só os leitores, mas iria intervir de maneira direta no processo de organização do país,

principalmente, na forma como o país era visto pelo seu povo, fazendo com que outras propostas e mudanças fossem decorrendo desse redirecionamento.

É importante ressaltar que embora Pepetela se utilize de aspectos que marcam sua condição e o seu contexto, o escritor não se deteve a explorar tão somente tais temáticas, mergulhou em outras vivências, também de ordem social, caracterizando outros aspectos. É fato dizer que a sua literatura não está organizada em uma condição limítrofe.

O autor não segue uma trajetória linear, embora suas obras possuam um caráter de distribuição por etapas, com direcionamentos para os mais diversos contextos, caracteriza-se por desenvolver a valorização de questões que ultrapassam as fronteiras territoriais, alcançando outras fontes e outras respostas que são resultados da diversidade de contextos abordados em suas obras.

As obras de ficção de Pepetela incidem sobre a formação de uma identidade nacional, na qual Angola é mencionada, de modo que, as referências são proferidas, principalmente pela voz dos personagens, que possuem posturas categóricas distintas, mas características semelhantes em suas motivações, anseios para uma Angola que estava a surgir.

Segundo Cosson,

o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar. (COSSON, 2006, p. 16)

Dessa forma, conseguimos verificar como a literatura revela uma diversidade de temáticas, e como é marcada pela reflexão do autor sobre determinada seleção de fatores, que podem significar um legítimo ponto de apoio entre seus textos, um repertório histórico, filosófico e sociológico agregador para com a leitura, demarcando sua singularidade.

3. Aspectos históricos: Influências da oralidade

A tradição oral presente nas fábulas de origem africana influencia consideravelmente a vida e a escrita de diversos autores. Nesse sentido, é

importante ressaltar o que os estudiosos pensam sobre o valor da tradição para os povos africanos, sobretudo quando relacionam essa prática à valorização da oralidade, como nos exemplifica o professor e pesquisador Hampeté Bã(1997), no capítulo “A Tradição Viva”, do seu livro *Introdução à Cultura Africana* :

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (HAMPETÉ BÃ, 1977, p.167).

O autor demonstra a importância da história oral como apoio imprescindível à preservação da memória e do patrimônio histórico, representados por personagens que imprimem a personalidade da população angolana. A partir da transmissão oral de histórias, há um compartilhamento de aspectos históricos e culturais diversos, que registram o passado e retratam a dominação colonial.

Dessa forma, percebemos que muitos dos registros históricos de que se têm notícias retratam como as histórias eram transmitidas de pai para filho, de geração para geração, como ainda aponta Hampatê Bã:

Uma das peculiaridades da memória africana é reconstituir o acontecimento ou a narrativa registrada em sua totalidade, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo no presente ao fim, e fazê-lo no presente. Não se trata de recordar, mas de trazer ao presente um evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência. Aí reside toda a arte do contador de histórias. Ninguém é contador de histórias a menos que possa relatar um fato tal como aconteceu realmente, de modo que seus ouvintes, assim como ele próprio, tomem-se testemunhas vivas e ativas desse fato. Ora, todo africano é, até certo ponto, um contador de histórias. (HAMPATÊ BÃ, 1977, p.141).

É importante perceber que os africanos nos deixaram um grande legado no que diz respeito aos aspectos da oralidade, e para que possamos reconhecer parte dessa tradição da oralidade, precisamos traçar um percurso sobre o papel da oralidade, e como esta se desenvolve a identidade desses povos, que durante um longo período foram marginalizados em nossa escrita.

Assim, é necessário estabelecermos uma ligação entre oralidade e preservação da memória. Dessa forma, sua presença é notada a partir de recursos

estéticos próprios e fruto da junção de outros elementos estruturais:

As fichas imateriais do catálogo da tradição oral são máximas, provérbios, contos, lendas, mitos, etc., que constituem quer um esboço a ser desenvolvido, quer um ponto de partida para narrativas didáticas antigas ou improvisadas. Os contos, por exemplo, e especialmente os de iniciação, possuem uma trama básica invariável, à qual, no entanto, o narrado pode acrescentar floreios, desenvolvimentos ou ensinamentos adequados à compreensão de seus ouvintes. (HAMPATÊ BÂ, 1972, p.156).

É comum a esse movimento da literatura oral, a preservação de um diálogo consistente sobre os principais costumes e hábitos, que muitas vezes são resultados da palavra falada e, em menor escala, da escrita. Isso se explica a partir do pouco domínio da escrita do período no Brasil e na África, assim, em uma sociedade de tradição oral, as obras acabam sendo concebidas a partir de uma concepção também oral.

Algumas concepções vão sendo criadas e ganhando forma no que se refere à preservação e transmissão de conhecimentos entre as gerações, e isso é assegurado através da representatividade de algumas figuras, a saber: o contador de histórias. Essa figura pode ser considerado como uma espécie de guardião da memória. Bosi (2004), em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* indica que:

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, "pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias". (BOSI, 2004, p.74)

Dessa forma, compreendemos que a transmissão da cultura é pertinente a todos os públicos, porém, os mais experientes têm a capacidade de relatar, com amadurecimento, situações, acontecimentos frutos de relações sociais estabelecidas durante o tempo, que são compartilhadas e só enriquecem as gerações vindouras.

4. Caracterização do Letramento literário em Sala de Aula

O letramento literário é uma ferramenta bastante utilizada em sala de aula

para aperfeiçoar a compreensão dos textos e signos trabalhados. Para essa prática, o leitor utiliza série de estratégias de leitura para serem “desvendados” os caminhos da decodificação do texto.

O letramento literário é definido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Dessa forma, a literatura é tão importante quanto a escolha da leitura que será utilizada, na qual os objetivos devem estar definidos, para que os pontos fracos da leitura possam ser trabalhados, com as diversas estratégias de leitura.

O papel do professor como mediador do letramento literário na escola é imprescindível. Sobre esse ponto de discussão, o autor Barbosa afirma que:

Atuar como mediador no processo de aquisição de habilidades de leitura, inclusive do texto literário, é papel central do professor. Organizar o espaço da sala de aula, propor objetivos de leitura, fazer perguntas que facilitem o processo interpretativo, são formas de atuar positivamente nesse processo. (BARBOSA, 2011, p.156)

A autora Magda Soares (1999) indica modelos de escolarização, nos quais, em algumas ocasiões, o leitor adota um modelo mecanizado, com dias e horários fixos, e aponta justamente para literatura em sala de aula como uma forma de dinamizar esse contexto de Ensino-aprendizagem.

A escolha da literatura deve seguir alguns cuidados, para que seja apreciada em sua totalidade, e quando apresentada fragmentada, o professor deve ter cuidado para que se mantenha os traços de origem, sem atribuições particulares à literatura. Dessa forma, percebemos a importância de não confundir os aspectos literários com os aspectos pedagógicos, pois mesmo possuindo características semelhantes, suas finalidades são distintas.

Diante dos objetivos de leitura bem definidos, e escolha da literatura, as aulas ou chamadas oficinas podem ser organizadas, garantindo que os aspectos individuais dos alunos sejam valorizados e seus aspectos cognitivos respeitados no desenvolvimento desse processo, no qual o professor deve trabalhar como facilitador, podendo auxiliar na leitura e fazendo. Sobre tais procedimentos os autores Harvey e Gouvis (2008) argumentam que:

Quando lemos, os pensamentos preenchem nossa mente, fazemos conexões com o que já conhecemos ou, ainda, inferimos o que vai acontecer na história. São as conversas interiores com o texto que

está sendo lido e o que passa pela nossa mente quando lemos que nos ajudam a criar um sentido. (HARVEY E GOUVIS, 2008, p. 22).

É importante ressaltar que a leitura valoriza os condicionais individuais do leitor, e a partir disso, os ressignifica, promovendo futuras hipóteses sobre a trama e seu desfecho. Assim, percebemos que nossas observações externas possuem influências dos nossos critérios internos, que são determinados a partir das relações com ambiente no qual estamos inseridos.

O professor estabelece conexões individuais e coletivas com seus alunos à medida que inicia a leitura, e no decorrer da leitura o aluno vai identificando posicionamentos, analisando-os e se posicionando criticamente. Alguns autores como Pressley (2002) fazem referência ao ato de ler:

São sete as habilidades ou estratégias no ato de ler: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. Claro que, ao ler, todas essas habilidades são colocadas em ação sem uma ordem específica, mas ao ensinar ao aluno tais mecanismos, o professor agirá didaticamente explicando-os conforme surgem no decorrer da leitura do texto. (PRESSLEY, 2002, p.19).

As ideias do texto quando atreladas ao conhecimento prévio, promovem um melhor condicionamento do aluno ao que está sendo proposto, pois alguns mecanismos são ativados.

5. A Montanha da Água Lilás: uma crítica sobre a exploração da natureza

A fábula *A Montanha da Água Lilás*, de PePETELA, traz o entendimento sobre a descoberta de um riacho numa região de vales profundos, cujo líquido era lilás. Nessa fábula, o autor nos mostra situações cotidianas vividas repetidamente e diariamente por uma parte da sociedade.

O título não revela, a princípio, os questionamentos que são desenvolvidos no decorrer da narrativa, na qual a reflexão exige sensibilidade para enxergar os problemas sociais vividos por esse agrupamento.

É possível diferenciar o espaço do enredo, pois as ações localizam-se maioritariamente, na Montanha, onde viviam os Lupis, Lupões e Jacalupis, outros animais viviam na superfície:

Tinha formas arredondadas, como todas as montanhas já velhas, muito batidas pelos ventos. Tinha vales pouco profundos, por onde corria um regato que nascia no cume mais alto e descia em múltiplas curvas até à planície. Aí recebia água de outros riachos, nascidos noutras montanhas, e virava rio grande. (PEPETELA, 2009, p. 19).

O espaço é composto por muita vegetação, árvores de grande porte, de todos os tipos, e de diferentes tamanhos, o clima não é muito quente, devido a altitude:

A montanha tinha dois cumes principais: o cume Lupi, o mais alto, onde nascia o rio de mesmo nome, e o cume do Sol, no extremo oposto. No meio dos dois cumes havia um morrozito com pedras, sem plantas nem árvores, apenas campim baixo. Era o sítio mais calmo e perfumado da montanha e dali se podia ver melhor o luar de Lua cheia; por isso era o morro da poesia. (PEPETELA, 2009, p. 20).

O autor descreve o espaço em que a fábula se desenvolve como um lugar comum a outros lugares, embora deixe a indagação se realmente seria um lugar comum como os outros, levando o leitor a unir as coisas cotidianas ao seu imaginário, que é, a todo momento, refletido na narrativa.

5.1. OS LUPIS, LUPÕES E JACALUPIS

Os Lupis, seres de cor-laranja, que se distinguem em três categorias, são os personagens principais da fábula *A montanha da Água Lilás*, de Pepetela, e possuem características físicas além de comportamentais que os diferem dos demais personagens:

Eram animais que se distinguiam em duas qualidades, embora fossem da mesma família. Todos eles eram peludinhos, excepto na cara. Esta tinha um nariz bem gordo, batatudo, e bochechas todas redondas de tocadores de trombone. As orelhas também eram redondas. Tinham duas pernas e dois braços, andavam de pé como os humanos. Mas as duas qualidades apresentavam diferenças importantes: havia uns, a maioria, cambutinhas, do tamanho de coelhos. Os outros eram maiores, do tamanho dum chimpanzé pequeno e mais gordos, todos redondos. (PEPETELA, 2009, p. 25).

Esses seres ganharam tal denominação devido à forma de gritarem ao estarem muito contentes ou irritados. O som variava conforme as qualidades ou tamanhos desses personagens e eram utilizados como estratégia para afastar

espécies que queriam se apropriar do lugar no qual os Lupes viviam.

Dentre as diferenças físicas e comportamentais desses seres, se encontravam a maneira como se alimentavam, dormiam, e se relacionavam:

Dormiam em cubatas que faziam com ramos e folhas de árvores. Viviam aos casais, como as pessoas. Coisa interessante é que as fêmeas, fossem pequenas ou maiores, tinham sempre filhos cambutinhas. Eram ao crescer que se começavam a distinguir, uns a comer, e a crescer mais que outros. Um casal podia ter todos os filhos de uma só qualidade, ou repartidos entre as duas. Independente da qualidade dos pais. Não parecia haver regras. (PEPETELA, 2009, p. 31).

Suas diferenças os classificavam em suas qualidades. Na escola, isso podia ser verificado com maior frequência, pois os lupis cambutinhas eram considerados mais rápidos para aprender, produzindo canções e diferentes tipos de danças, já os lupões eram considerados mais pesados, por isso mais lentos, assim, não produziam com a mesma eficiência dos lupis cambutinhas, mas, em compensação, eram considerados os melhores em contas.

Alguns lupis não paravam de crescer e tinham comportamentos distintos dos demais, muitos chegavam rapidamente ao tamanho de um grande macaco:

E ainda mais redondos que os lupões. As diferenças, porém, não paravam aí. Eram muito preguiçosos, nem podiam aprender a subir às árvores e preferiam estar todo o tempo deitados a fazer jac-jac-jac- com as bocas grandes. Era um som parecido ao que fazem os jacarés quando estão a dormir ao sol de boca aberta. Não lupilavam. Os lupis grandões jacarejavam. Por isso os cambutinhas lhe chamaram de jacalupis. (PEPETELA, 2009, p. 32).

Algumas mudanças foram decorrendo devido ao aparecimento desse novo tipo de lupis, pois possuíam comportamentos e características distintas dos demais, desde o seu tamanho, até a dificuldade em aprenderem. Isso provocava um sério desconforto na professora que os observava jacarejar de boca aberta, esperando que os lupis cambutinhas lhe fizessem as tarefas.

Pepetela apresenta o tamanho dos Jacalupis como uma espécie de justificativa para dificuldade de locomoção ou para que eles mesmos conseguissem prover sua própria alimentação, pois havia, uma grande dificuldade, por parte desses personagens, para subir em árvores, ou até mesmo colher suas próprias frutas.

O reino que era considerado de extrema harmonia, vai perdendo essa qualidade devido a existência dos Jacalupis, já que estes se tornam mal vistos pelos lupis cambutinhas e lupões, a tal ponto de chegarem na vida adulta e se recusarem a casar com qualquer Jacalupis, que eram considerados preguiçosos, espertalhões e resmungões. Assim, os Jacalupis acabam casando apenas entre si.

Os Lupis tentam impedir que os Jacalupis frequentem os mesmos ambientes que eles frequentavam, mas isso era impossível, uma vez que os Jacalupis possuíam uma quantidade considerável, e eram de grande porte. Dessa forma, o conflito não pôde ser solucionado e sempre que havia as festividades, ambos se faziam presentes, uns para apreciar os recitais de poesia, e festejar e os outros para comer.

6. Caracterização da comunidade escolar

A instituição pública na qual fizemos o trabalho de intervenção está situada em uma área central da Cidade de Guarabira-PB. A partir da aplicação de questionário socioeconômico na turma, constatamos que os alunos vêm de uma família que apresenta renda mensal média de 1.000,00 a 2.000,00. São filhos de vendedores ambulantes, funcionários do lar, profissionais liberais dentre outros. Os pais participam e acompanham a vida escolar de seus filhos de modo regular, geralmente através de informações oferecidas pela direção da instituição.

Considerando a pesquisa feita junto à comunidade, a escola sente que existe uma boa aceitação por parte da comunidade. A direção da escola entende que a sociedade está evoluindo muito rapidamente e, assim, deve trabalhar no processo de adaptação sociocultural respeitando os tipos de diferenças.

Através de breve conversa com os professores de Literatura da escola, nos foi relatado que os alunos, ao terminarem o segundo ciclo do ensino fundamental ainda sentem muita defasagem quanto ao letramento. Assim, decidimos atuar na turma do 9º ano do ensino fundamental.

Realizamos oficinas, em nossos 8 encontros e propomos debates, aulas expositivo dialogadas, sessões de leitura individuais e coletivas, dentre outras atividades, que serão discriminadas nas seguintes subseções.

6.1. DESCRIÇÃO DAS AULAS DE REGÊNCIA

No dia 07 de fevereiro de 2017, tivemos o primeiro contato com os alunos turma do 9º ano. Fomos bem recebidos pela direção da escola que nos autorizou a observação do espaço e das aulas. Esse momento possibilitou compreendermos o olhar dos alunos para com a Língua Portuguesa, e se estes já tinham algum tipo de contato com fábulas no contexto de aprendizagem escolar.

Procuramos fazer pequenas perguntas aos alunos, buscando identificar qual era o conhecimento prévio que eles tinham sobre o tema que seria estudado. Partindo destas observações, propusemos, de forma dialogal, compreender como se configurava cotidiano dos alunos, quais eram suas experiências com a leitura de fábulas e qual era o contexto social em que se inseriam. Com isso, pudemos projetar uma metodologia que se adequasse ou mesmo se aproximasse das experiências vivenciadas pelos alunos.

Apresentamos aos alunos a proposta de trabalhar com as fábulas nas aulas seguintes, demonstrando como estas proporcionariam uma significação para os leitores.

6.1.1. *Primeira Regência na Escola*

Iniciamos as aulas, efetivamente, com a proposta de leitura da Fábula “A Montanha da Água Lilás, de Pepetela. Propusemos uma leitura coletiva dos dois primeiros capítulos da fábula e cada aluno fazia a leitura em voz alta para a turma de uma parte do texto. Fomos chamando a atenção para características particulares deste gênero textual: como a presença dos animais com características humanas, no caso os Lupis, Jacalupis e Lupões.

Perguntamos aos alunos quais fábulas eles conheciam e sugerimos que falassem sobre suas experiências com esse tipo de gênero. Nessa etapa, percebemos que os alunos consideravam a leitura agradável, e se mantinham entusiasmados a conhecerem os capítulos seguintes.

6.1.2. *Segunda Regência na escola*

Iniciamos com a Pesquisa na internet, no ambiente de Informática da escola,

e sugerimos que os alunos pesquisassem algumas características da fábula em estudo. Os primeiros critérios de análise da obra foram o título e as possíveis mensagens inseridas na fábula. Os alunos pesquisaram sobre o espaço, tempo, linguagem, Recursos estilísticos, finalizando com uma reflexão sobre a fábula. Nesta aula também explicamos sobre a oralidade, sua importância e como alguns gêneros carregam suas marcas e solicitamos aos alunos que procurassem, na internet, gêneros em que a oralidade fosse uma marca de extrema importância para sua caracterização.

6.1.3. Terceira Regência na Escola

Iniciamos dando sequência a leitura dos capítulos seguintes da fábula, e pedimos para que os alunos se colocassem em grupos de 4 pessoas. Os integrantes deveriam criar um desfecho diferente para a fábula “A Montanha da Água Lilás”. Ao terminar a escrita, eles deveriam ilustrar o final que tinham pensado para a fábula, com essa atividade foi possível notar diferentes concepções do cotidiano e das relações que os alunos conseguiram observar.

6.1.4. Quarta Regência na Escola

Ao finalizarmos nossa quarta etapa, propusemos uma autoavaliação dos resultados com os alunos, e nos surpreendemos com as características apontadas por eles, considerando positiva a utilização das fábulas, para compreensão de diversos aspectos da Língua Portuguesa. Pedimos que cada grupo apresentasse à classe os finais que haviam criado para a fábula, dessa forma, puderam entender a importância da oralidade, já que, provavelmente, se os naquele momento não estivesse acontecendo, eles não tomariam conhecimento da produção dos seus colegas, após o término da atividade os alunos perceberam como a oralidade é uma ferramenta poderosa para disseminação da informação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a discussão teórica embasada em revisão bibliográfica sobre o ensino de Português para as séries iniciais do Ensino Fundamental, foi possível observar que os

processos de ensino-aprendizagem no ambiente escolar ainda está pautado em modelos tradicionais, nos quais o professor se prende ao livro didático, apenas reproduzindo as falas do autor, provocando, assim, o desinteresse dos alunos.

A introdução da Literatura como instrumento para o letramento literário no contexto escolar busca subsídios para um Ensino motivador, e as características do contexto em que os indivíduos estão inseridos são levadas em consideração nesse processo. Compreendemos que o Ensino das disciplinas, de maneira geral, é regido por um corpo sistemático, e que é difícil sair desse roteiro imposto pela própria conjuntura do Sistema. Cabe, portanto, ao docente o desafio de tentar modificar esse modelo de Ensino, que vem sendo entendido como fixo e imutável.

A escola deverá ter a função de ser a principal mediadora do letramento literário, na formação escolar dos alunos. A interpretação de um texto depende de várias situações, pistas e organização textual, e o professor deverá ser capaz de organizar mecanismos de inteiração para desenvolver de modo competente e atrativo de compreensão de um texto.

A partir do trabalho com a fábula “A montanha de água lilás”, de Pepetela, os alunos buscaram identificar semelhanças e diferenças nas relações cotidianas que vivenciam, e, em consequência dessas observações, foram buscando em suas memórias não apenas aspectos da Angola, mas as peculiaridades que são vividas no Brasil.

O excesso de informações do mundo atual, bem como o acesso às diferentes linguagens, requerem do professor uma nova postura, tanto em sua formação, como em suas práticas, e a inserção de outras metodologias tornam o conhecimento dinâmico e significativo para os alunos.

A necessidade de repensarmos as práticas pedagógicas e a utilização dos gêneros textuais em sala de aula, não tem o intuito de criar um modelo ideal a ser seguido, mas é interessante a medida que nos faz separar a ideia de produção e transmissão do conhecimento, valorizando a formação dos professores, assim como a formação dos alunos e a estruturação da escola de maneira geral.

Acreditamos, também, que a proposta de reavaliarmos a inserção de novas metodologias diante dos gêneros textuais alcança seu ponto máximo ao delimitarmos a compreensão diante do ensino-aprendizagem, ressaltando os objetivos educacionais, do micro ao macro, de maneira que a escolha dos conteúdos produza significado para a vida prática dos alunos.

Vale salientar que nosso estudo é inacabado, uma vez que, atualmente, a sociedade brasileira vive um caldeirão de contradições e desconstruções das relações sociais e, nesse panorama, o professor não pode desistir de levar textos interessantes aos alunos, buscar fugir um pouco dos livros didáticos, envolver-se em histórias que despertem a curiosidade dos alunos, e, assim, poder ter mais vivacidade e criatividade no desenvolver das aulas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento Literário: sobre a formação escolar do leitor jovem**. Educ. foco, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 145-167. Marc/ago, 2011. Disponível: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-o6.pdf>. Acesso em: 15 de Outubro de 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios brasileiros**, Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

HAMPATÊ BÁ. Aspectos da Civilização Africana. 1972

HARVEY, Stephanie; GOUVIS, Anne. Estratégias que funcionam: compreensão de ensino para compreensão e engajamento. EUA: IRA, 2008.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PEPETELA. **A Montanha da Água Lilás** (Fábula para todas as idades), 5.^a ed., Lisboa, Publicações dom Quixote, 2007.

PRESSEY, Michael. **Leitura que funciona: o caso para um ensino equilibrado**. Nova Iorque: Gilford, 2002.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.